

Instituto de Desenvolvimento
Sustentável Mamirauá



Macaqueiro

Ano XIX | Nº 83 | Jul/Dez de 2019 | Tefé (AM) | Brasil | ISSN 2317-4587

SONHOS AMAZÔNICOS

Inspirada em jovens do Centro Vocacional Tecnológico do Instituto Mamirauá, coleção de camisetas conta a história e as origens de jovens que atuam pelo futuro desta região tão diversa e importante para o Brasil e para o mundo

CURTAS**03****PRODUÇÃO**

Conheça algumas das últimas produções técnicas e científicas do Instituto Mamirauá

04**OPINIÃO**

Em pauta: Vida amazônica e no CVT

05**ENTREVISTA JANDERSON SILVA**

20 anos de manejo de pirarucu

06 e 07**REPORTAGEM ESPECIAL**

Jovens ribeirinhos com o saber necessário para melhorar a vida da e na Amazônia

08 a 12**NOTÍCIA**

Estudantes aprendem técnicas de produção agrícola e animal em dia de campo

13

Jovens lideranças criam Rede de Gestores Comunitários

14 e 15**FOTOGRAFIA**

Foto Expedição Baixo Juruá

16

O Macaqueiro é uma publicação do Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá, organização social e unidade de pesquisa fomentada e supervisionada pelo Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações. Distribuição gratuita. Jornalista responsável: Eunice Venturi (SC01964-JP). Revisão: Ana Paula Martins. Tiragem: 1.000 exemplares. Projeto gráfico: Doizum Comunicações. Contatos: Estrada do Bexiga, 2.584. Cx. Postal: 38 - CEP: 69.553-225. Tefé (AM) / Tel.+55 (97) 3343-9780 / (97) 99169-2141 – ascom@mamiraua.org.br – www.mamiraua.org.br.

Editorial

Zelar pelos lugares, seres e recursos da Terra é o modo mais eficiente de se fazer cumprir a responsabilidade inerente ao ser humano de tornar a vida possível não apenas aos que estão aqui, como também àqueles que hão de chegar.

A Amazônia é um dos biomas mais significativos do mundo. Ocupa mais da metade de nosso País e, apesar de lar de milhares de pessoas, a vida de seus moradores é, historicamente, pouco contemplada com políticas públicas.

Nesse contexto, o Centro Vocacional Tecnológico (CVT) do Instituto Mamirauá surge com a missão de dar autonomia às populações ribeirinhas por meio dos jovens.

O CVT é formado por uma juventude que vai além do clichê de 'ser o futuro' e se faz presente em comunidades e associações no desenvolvimento de projetos que visam a suprir demandas como melhorias em acesso à energia, saneamento básico, água potável e no manejo dos recursos da Floresta Amazônica.

O verdadeiro desenvolvimento dessas comunidades ainda é alcançado apenas por um relacionamento sustentável com a floresta e sua magnitude de seres de fauna e flora. É feito de interações que mantêm os equilíbrios necessários para manutenção de todas as vidas de um ecossistema.

Nesta edição de O Macaqueiro, você irá conhecer a história de jovens nascidos no interior da Amazônia e cujas aspirações individuais de transformar cada comunidade ribeirinha somam-se e se tornam uma impositiva força de transformação da vida na região.

Convidamos-lhe a os conhecerem pelas palavras, histórias e relatos deles próprios, mas, também, de quem os acompanha, idealizou, viabilizou e torna possível esse projeto.

Assim, apresentamos a coleção de camisetas 'Sonhos Amazônicos', estampada por rostos de alguns desses jovens, com referências a grafismos e plantas da região.

Confira na edição, ainda, os recentes lançamentos do Instituto Mamirauá, que incluem publicações impressas sobre manejo de andiroba, gestão participativa, educação ambiental; além de uma nova produção audiovisual em homenagem aos 20 anos do Instituto Mamirauá, comemorados em abril.

Boa leitura!

Júlia de Freitas

Jornalista

Na tela do Jornal da Record

O Instituto Mamirauá recebeu, de 6 a 15 de agosto, uma equipe da Record TV para gravações sobre as atividades de pesquisa e extensão desenvolvidas pela instituição na região amazônica. A equipe da emissora paulista foi composta pelo jornalista Sérgio Aguiar, o cinegrafista Daniel da Silva e a editora Márcia Cunha. A série 'Mamirauá: A Floresta Protegida' teve quatro episódios veiculados no Jornal da Record e retratou pesquisas em primatas, mamíferos aquáticos, jacarés e vestígios arqueológicos, além do projeto Providence – tecnologia inovadora de monitoramento de fauna.



© Júlia de Freitas

No Mundo MCTIC

De 22 a 27 de julho, o Instituto Mamirauá participou da 71ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), realizada na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, em Campo Grande (MS). Assim como as demais unidades de pesquisa do Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC), a entidade integrou a Avenida da Ciência, um espaço para exposições dos seus projetos desenvolvidos. Estima-se que mais de 20 mil pessoas tenham passado pelo estande, que mostrou projetos como o manejo de pirarucu, além de pesquisas com onça-pintada e peixe-boi-amazônico e apresentações sobre a assessoria técnica ao manejo de agroecossistemas.



© Everson Tavares

Reconhecimento a caminho

Gerar renda para os ribeirinhos e propiciar uma experiência transformadora a quem não conhece a Amazônia são objetivos do Programa de Turismo de Base Comunitária (PTBC) do Instituto Mamirauá, que foi anunciado, em julho, como um dos finalistas do Prêmio Fundação Banco do Brasil de Tecnologias Sociais de 2019, na categoria 'Geração de Renda'. A iniciativa é uma das 24 tecnologias sociais que concorrem à premiação final, cujos vencedores devem ser conhecidos em outubro. Os projetos finalistas foram selecionados pela efetividade, inovação, sistematização da tecnologia e a interação com a comunidade. Também são finalistas da mesma categoria iniciativas da Cooperativa Central Justa Trama, de Porto Alegre (RS), e do Instituto de Pesquisas em Tecnologia e Inovação, de Santa Luzia do Itanhhy (SE).



© Everson Tavares

Organização social em foco

O Instituto Mamirauá, com outras organizações sociais vinculadas ao Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC), compareceram ao 1º Encontro das Organizações Sociais do Poder Executivo Federal, realizado por iniciativa do Ministério da Economia, no dia 25 de junho, em Brasília (DF). Em sua explanação, o diretor-geral do Instituto Mamirauá, João Valsecchi do Amaral, reforçou a missão institucional: "Nossos resultados sociais e econômicos são muito grandes, pois trabalhamos com a interface entre pesquisa e impacto". Atualmente, nove organizações atuam por meio de contratos de gestão com o governo federal, seis delas são ligadas ao MCTIC.



© Marcello Nicolato

Conheça algumas das publicações recentes do Instituto Mamirauá.

20 anos, 20 personagens

Não foi tarefa fácil escolher apenas 20 personagens para contar suas histórias e seus projetos de vida na websérie comemorativa à criação do instituto. Mas a ideia é simples: 20 anos, 20 personagens, entre cientistas, técnicos e beneficiários das ações da organização. Entre os selecionados, 12 amazonenses, três paraenses, dois paulistas, um mineiro, um carioca e um gaúcho. Em um dos episódios, João da Silva Carvalho exemplificou a relação dos comunitários com os pesquisadores: “O pesquisador trouxe o conhecimento científico; e eu, o local. Aí, nós nos casamos”. Hoje, o trabalho de João é essencial nas pesquisas realizadas pelo Programa de Pesquisa e Conservação de Jacarés do Instituto Mamirauá. Para assistir, acesse nosso canal no YouTube: youtube.com/institutoMamiraua.



Técnicas e ferramentas participativas para educação ambiental

Com base na experiência do Instituto Mamirauá, o guia foi organizado com informações sobre como trabalhar com a educação ambiental por meio de técnicas e ferramentas participativas. O material propõe métodos, atividades e dinâmicas e orienta o educador ambiental para o desenvolvimento das atividades e a resolução de possíveis problemas. O guia é uma ação do projeto Mamirauá: Conservação e Uso Sustentável da Biodiversidade em Unidades de Conservação (BioREC), que tem o financiamento do Fundo Amazônia, gerido pelo Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), assim como as demais publicações listadas a seguir.

Boas práticas para a produção de óleo de andiroba

O trabalho com a andiroba é uma das linhas de atuação do Programa de Manejo Florestal Comunitário do Instituto Mamirauá. A cartilha se baseia na experiência dos extratores de óleo de andiroba das reservas de desenvolvimento sustentável Amanã e Mamirauá e se propõe a mostrar passos significativos e dicas de boas práticas do processo de extração tradicional do óleo de andiroba: desde a identificação das andirobeiras adultas até o envasamento do óleo e a sua comercialização.



Informações básicas para a gestão participativa de associações no dia a dia

O Instituto Mamirauá assessora aproximadamente 88 associações nas reservas de desenvolvimento sustentável Amanã e Mamirauá. Com vistas a apoiá-las, foi elaborada a cartilha, que traz um histórico de criação das primeiras associações nessas unidades de conservação, uma reflexão sobre a importância de formalização e cadastro junto à Receita Federal, além de informações básicas sobre a gestão dessas organizações.

Para conhecer essas e outras publicações, acesse o site do Instituto Mamirauá em: www.mamiraua.org.br



Boa Leitura!

Em pauta: *vida amazônica e no CVT*

“**E**u moro na comunidade Nova Colômbia, na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá, há 22 anos. Ou seja, desde que nasci, e não pretendo sair tão cedo. Vim para o CVT aqui em busca de mais estudos, mas quero voltar no próximo ano e levar os meus conhecimentos para a comunidade e o meu grupo de artesanato. Meu sonho é ser professora. Hoje, eu faço pedagogia na Unip, uma faculdade à distância, duas vezes por semana à noite. Eu já queria fazer uma faculdade de pedagogia, mas não sabia por onde começar. Então, fui conversar com meu tio, que é professor pós-graduado e mora em Uarini, ele me deu essa ideia. Como eu vou estudar o ano inteiro e todos os dias da semana no Instituto Mamirauá, a melhor opção é fazer uma faculdade à distância, na Unip, que é paga. Cheguei na universidade, fiz minha redação e passei em primeiro lugar. Hoje, eu agradeço muito a Deus por eu estar lá. Agradeço minha família inteira por ter me

ajudado. São três anos para eu terminar. Estou no primeiro ano e ainda faltam mais dois. Mas, se Deus quiser, vou conseguir.

Estou estudando no CVT desde o início do ano e minha experiência aqui é de pouco tempo, mas já pude assimilar muitas coisas boas que aconteceram, como as aulas dos professores que eu nunca tive contato. As aulas de contabilidade foram muito proveitosas, porque, na minha comunidade, a gente mexe com bastante dinheiro, então, tem que haver pessoas à frente para mexer com livro-caixa e outras coisas. Eu achei bem interessante as aulas de contabilidade e português, esse último porque a gente conversa com pessoas de fora e, na minha comunidade, não tem pessoas que sabem falar um português bem falado.

Os próximos meses vão ser muito importante para eu devolver à minha comunidade todo conhecimento daqui. Eu vim para cá indicada pela minha comunidade e pelo meu grupo de artesanato.

Meu sonho é convidar mais pessoas para nosso grupo de artesanato, meu segundo sonho é terminar a faculdade que eu estou fazendo e trabalhar na minha comunidade também.

A minha expectativa para os próximos meses do CVT é que eu quero levar o que eu aprender aqui para minha comunidade e para o meu grupo. Quero mais aprender o português, a contabilidade, a matemática e o manejo florestal. Por que o manejo florestal? Porque a madeira que a gente trabalha é o molongó, que é manejado. Mas muitas pessoas não entendem, porque querem tirar a madeira sem o manejo. Então, o manejo para mim é bem importante mesmo e quero poder explicar mais para pessoas, para entenderem melhor o que é o manejo florestal e o que não é. Vou me esforçar bastante para eu aprender tudo e levar todo esse aprendizado para minha comunidade e mostrar e fazer conforme estudei aqui na minha comunidade”.

Meu sonho é convidar mais pessoas para nosso grupo de artesanato. E meu segundo sonho é terminar a faculdade que eu estou fazendo e trabalhar na minha comunidade.

Larissa de Souza Benchimol

ESTUDANTE DO CENTRO VOCACIONAL
TECNOLÓGICO DO INSTITUTO MAMIRAUÁ





“Aquele Janderson, antes de chegar no CVT, não existe mais. Eu me tornei outra pessoa”

Por Eunice Venturi

Já tem quase quatro anos que Janderson Salvador de Souza concluiu o curso no Centro Vocacional Tecnológico (CVT) do Instituto Mamirauá. Ele é da primeira turma e um dos estudantes a voltar para a comunidade Mapurilândia, que fica no município amazonense de Fonte Boa. Com um olhar tímido, ele fala sobre a experiência, a vida em comunidade e a experiência de dois anos pelo Instituto Mamirauá – organização social vinculada ao Ministério da Ciência, Tec-

nologia, Inovações e Comunicações. Saiba mais sobre esse amazonense, morador da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá.

Como é a vida na comunidade Mapurilândia, na Reserva Mamirauá?

Janderson: A vida na comunidade é muito gratificante, e o ponto forte é a agricultura e a pesca. A pesca vem em alta todo o ano, o seu manejo é uma atividade que dá certo nessa comunidade, [além disso] as pessoas não

se retraem a trabalhar com outros recursos. A comunidade tem escola e 27 moradores. São dez casas.

Quando você ouviu falar do instituto e do CVT pela primeira vez?

Janderson: Eu descobri o instituto por meio do meu tio Edson, que é uma liderança na região de Fonte Boa. Ele me disse que o instituto tinha lançado um edital para concorrer ao CVT, então, eu me propus a participar. Para mim, ele

é tudo, porque foi uma porta que eu não tinha e que se abriu. Trouxe tudo de bom. Não apenas para minha vida, mas para a minha comunidade também. O instituto sempre fez parte dessa comunidade, porque o ponto forte a fortalecer foi o manejo.

Quando você leu o edital, o que te motivou a participar?

Janderson: Primeiramente, eu queria ter mais conhecimento e, depois, poder passar esse conhecimento para os outros. Quando li o edital, entendi que ia estudar muitas coisas, era a minha oportunidade. Para eu falar assim era muito difícil, eu vivia mais fechado. Mas quando vi essa oportunidade, eu abracei.

Como era o Janderson antes de começar no CVT e como é agora?

Janderson: Aquele Janderson, antes de chegar ao CVT, morreu. A partir do momento que entrei no CVT, tornei-me uma nova pessoa. Sou uma nova liderança para o meu setor e para minha comunidade, até para a Reserva Mamirauá mesmo, já que faço parte da associação. Ou seja, aquela pessoa que eu era no passado, muito trancada em si, hoje é mais disposta a fazer qualquer coisa e não tem medo de dar a cara a tapa.

Por que você escolheu o tema de manejo de peixes para trabalhar no seu projeto da CVT?

Janderson: A reestruturação do

meu projeto foi pensando no ponto forte do setor Maiana, que é o potencial da pesca. Pensando sobre isso com meu orientador, o Saide Barbosa [que era técnico do Programa de Manejo de Pesca do Instituto Mamirauá], escolhemos o manejo de pesca. Agora, a gente criou, por meio do meu projeto, um mutirão de fiscalização no setor Maiana.

Qual é seu sonho, Janderson?

Janderson: Meu sonho é ser engenheiro de pesca, e eu vou conseguir. Pode ter certeza disso.



“A partir do momento que entrei no CVT, tornei-me uma nova pessoa. Sou uma nova liderança para o meu setor e para minha comunidade, até para a Reserva Mamirauá mesmo, já que faço parte da associação”.



JOVENS RIBEIRINHOS COM O SABER NECESSÁRIO PARA MELHORAR A VIDA DA E NA AMAZÔNIA



Centro Vocacional Tecnológico do Instituto Mamirauá (CVT) forma lideranças capazes de enfrentar dificuldades impostas a comunidades da Amazônia afastadas dos grandes centros

Por Júlia de Freitas

Enquanto jovens de grandes centros urbanos em geral não passam mais de uma hora distantes das telas de celular, televisão, computador e tablet, há quem cresça e se forme cidadãos e cidadãs em comunidades no interior da Amazônia onde nem sinal de celular existe, quem dirá 3G.

Crianças nascidas em localidades distantes dos centros urbanos aprendem cedo, por meio da observação apurada, a pescar, plantar e colher. Logo, tornam-se jovens que aprendem, cedo, a decidir, organizar e buscar apoio juntos um dos outros a fim de melhorar as condições de vida de uma região, historicamente, ignorada pelos serviços públicos.

Ajudá-los a fazer isso é o que rege o trabalho do Centro Vocacional Tecnológico (CVT) do Instituto Mamirauá.

Disciplinas ministradas também abordam tecnologias sociais e manejo de recursos na várzea amazônica



© Bernardo Oliveira

Área protegida e organizada

Com a criação das unidades de conservação na região do Médio Solimões, na Amazônia Central no fim da década de 1990, surgiu a necessidade de suprir demandas de órgãos de licenciamento ambiental para a

gestão de recursos – o que gerou a formação de associações assessoradas pelo Instituto Mamirauá.

Nesse processo de maior organização das comunidades ribeirinhas, foram identificadas algumas pro-

blemáticas, como dificuldades no gerenciamento de contas, registros de atividades e habilidades políticas. Por isso, em 2014, nasceu o Centro Vocacional Tecnológico (CVT) do Instituto Mamirauá.



© Everson Tavares

“O CVT tem três premissas: a primeira é considerar que a realidade das populações e a conservação dos recursos naturais em áreas protegidas são produtoras de conhecimento. O segundo ponto é que a pesquisa científica sirva de base para intervenções socioambientais. A terceira questão é considerar que a resolução de problemas aconteça diretamente pelas populações afetadas e de forma processual”,

EXPLICA DÁVILA CORRÊA,
DIRETORA DE MANEJO E DESENVOLVIMENTO DO
INSTITUTO MAMIRAUÁ.

Como funciona

São dois anos do programa pedagógico do CVT. No primeiro ano de estudos, jovens de várias unidades de conservação – como as Reservas de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá, Amanã e Uacari, as Reservas Extrativistas Rio Jutai, Médio Juruá e Catua-Ipixuna e a Floresta Nacional de Tefé (conhecida como Flona), além de várias Terras Indígenas como Marajá, Cuiucui, Espírito Santo e Porto Praia e Acordos de Pesca como Jurupari Grande, Paraná do Jacaré (Capivara) e Atapi – saem das comunidades onde nasceram e cresceram e vão morar em Tefé, município de quase 70 mil habitantes na região do Médio Solimões, considerado o centro urbano da região.

Nesse período, frequentam aulas na sede do instituto que vão de disciplinas ‘comuns’ como matemática, contabilidade e língua portuguesa, até áreas de conhecimento voltadas às suas próprias realidades de moradores da várzea

amazônica. Aprendem sobre tecnologias sociais direcionadas para melhorias na qualidade de vida das populações e no manejo de recursos naturais, dos quais suas comunidades sobrevivem. O aprimoramento de técnicas e o uso sustentável da pesca e da agricultura são alguns exemplos disso.

O curso é ministrado por técnicos e pesquisadores do Instituto Mamirauá. Como todos os trabalhos da instituição, o CVT também utiliza a pesquisa científica como ferramenta para a elaboração dos projetos dos estudantes, que buscam soluções diversas para seus locais de origem.

No segundo ano, então, os estudantes voltam às suas respectivas comunidades e associações para a implementação do projeto ou plano de ação, elaborado durante o primeiro ano do CVT. Os jovens buscam a participação ativa dos comunitários durante este segundo ano.

Superação de desafios do interior da Amazônia

Tecnologias para construção de moradias seguras, soluções de provimento e distribuição de água potável, uso de fontes de energia sustentáveis e descarte adequado de lixo e dejetos são alguns dos desafios que esses jovens aceitam encarar para proporcionar melhoria de vida nas comunidades.

A ementa do curso é dinâmica e flexível, conforme as necessidades das turmas e de novas ideias e perspectivas apresentadas pelos próprios técnicos e pesquisadores que dão aula. “Disciplinas vão aparecendo de acordo com a necessidade atual – como gênero, ferramentas de diagnóstico, gestão de conflitos. O CVT é um processo sempre de mudança, realizada por pessoas e para pessoas”, explica Sandro Regatieri, gestor e um dos idealizadores do CVT.

O curso é organizado em oficinas presenciais e estágios de vivências. Nas oficinas, os temas trabalhados procuram valorizar a experiência social dos educandos para que possam

desenvolver suas próprias capacidades. Os estágios têm o objetivo de oferecer aos estudantes a possibilidade de praticar, em seu ambiente, as técnicas estudadas em sala de aula ou no contato com técnicos e pesquisadores, além de oferecerem vivência de situações concretas de trabalho. Também promovem a integração do aluno com seu espaço social de atuação e vivência, ajudando na legitimação deles em suas organizações de base, podendo ser associações, cooperativas, colônias de pescadores e outras.

Adriano Ferreira, por exemplo, entrou na turma de 2017 e se formou em 2018, quando apresentou os resultados de seu projeto que consistiu em realizar oficinas de sanitários secos na busca da solução de um grave problema enfrentado não por sua comunidade, mas por muitas da região: boas condições sanitárias.

A dinâmica dos alagamentos de rios dificulta a aplicação de tecnolo-

gias conhecidas em terra firme. “Durante o período das aulas, fui vendo o quanto minha comunidade precisava de saneamento básico. Tem uma área de conservação, e os dejetos ficam submersos. Joga o dejetos, a água leva e acaba contaminando os peixes; depois, nós vamos pegar esse alimento contaminado. É uma preocupação minha a questão de saneamento básico. E foi com a equipe do Programa Qualidade de Vida que fizemos duas oficinas na comunidade. O resultado foi muito positivo e que já está sendo implementando: a confecção de sanitários secos. Isso me ajudou muito, porque eu ficava imaginando as comunidades com o saneamento que, infelizmente, ainda não possuem. Eu consegui pegar ferramentas e buscar informações”, relata.

Atualmente, o jovem comunitário é professor, agente ambiental, líder da Pastoral da Juventude e integrante de Acordo de Pesca do qual sua comunidade, Nova Tapiira, localizada na Reserva Mamirauá, faz parte.



© Everson Tavares

Adriano é uma das principais lideranças da comunidade Nova Tapiira, na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá



© Bernardo Oliveira

Sandro Regatieri, gestor do Centro Vocacional Tecnológico

Adriano mostra que os resultados do programa são jovens que assumem ativamente o papel de articuladores e gestores por melhores condições que incluam tecnologias de desenvolvimento sustentável em localidades afastadas dos grandes centros urbanos.

Nem todos permaneceram ou vão ficar em suas localidades ou

associações, explica Sandro. “Nem sempre eles ficam na comunidade, mas é um incentivo. Até mesmo porque o egresso passa a ser visto dentro da comunidade como alguém que detém um conhecimento diferenciado. Então, às vezes, ele fica mesmo para ser professor ou agente de saúde na comunidade. Tem quem, por exemplo, vem para cá para estudar, mas não vê

a hora de voltar para seu lugar de origem. São variadas as possibilidades”.

Uma coisa é certa: saem de lá com uma carga de conhecimentos sobre os diversos aspectos de vivência na Amazônia. Participam de aulas teóricas e oficinas, nas quais veem, na prática, a atuação de pesquisadores e técnicos dos programas de manejo do Instituto Mamirauá.

Desafios

Apesar disso, os desafios desse modelo educativo são grandes. “Um processo educativo que integra tantos conhecimentos é muito complexo”, define Sandro.

Primeiro, porque reúne pessoas que, apesar de compartilharem a identidade de ribeirinhos, vêm dos mais diversos contextos e vivências. Depois, porque é um modelo que exige que os professores se adaptem a um modelo que não se assemelha, na maior parte do tempo, ao da escola. “É preciso entrar na própria dinâmica do CVT. A matemática ensinada deve ser voltada à realidade e às necessi-

dades de gestão deles, assim como outras matérias, como português”, afirma o gestor.

Além disso tudo, a falta de recursos barra um trabalho de ainda maior eficiência, já que os custos com logística, muitas vezes, impossibilitam idas de professores e gestores do programa às respectivas comunidades e associações da turma.

Desde 2014, o centro formou 37 jovens como cidadãos preparados para liderar, organizar e assessorar comunidades e associações ribeirinhas na região do Médio Solimões, área de várzea – ecossistema

amazônico que mantém centenas de comunidades alagadas durante cerca de metade do ano. Atualmente, outros 38 alunos estão em processo de aprendizado, preparando-se para assumirem espaços de lideranças dentro suas organizações representativas.

O Centro Vocacional Tecnológico conta com o apoio da Fundação Gordon e Betty Moore, da BrazilFoundation, a Associação de Moradores e Usuários da Reserva Mamirauá Antônio Martins (Amurmam) e da Central das Associações Moradoras e Usuárias da Reserva Amanã (Camura).



Quer ajudar o CVT a formar ainda mais jovens para garantir o futuro dos recursos e das populações da Amazônia?

Você pode comprar uma camiseta da coleção ‘Sonhos Amazônicos’, uma parceria do Instituto Mamirauá com a marca ‘Moko – Vista uma Causa’. As estampas foram elaboradas por meio da junção dos elementos metafóricos: a alusão da flor com o jovem e com os elementos literais às pinturas e às pessoas que moram na região. Juntos, mostram o poder e a beleza por trás do florescer de cada jovem que tem a oportunidade de se desenvolver com a ajuda do Instituto Mamirauá. Conheça as histórias dos jovens que foram modelos das estampas no endereço moko.com.br/sonhosamazonicos. Para comprar, acesse o endereço: moko.com.br/compre.

ESTUDANTES APRENDEM TÉCNICAS DE PRODUÇÃO AGRÍCOLA E ANIMAL EM DIA DE CAMPO

Jovens tiveram contato com diferentes opções de fonte de renda

Por Júlia de Freitas

Estudantes do CVT participaram de um ‘dia de campo’ em uma fazenda, no qual aprenderam técnicas de produção agrícola e animal como alternativas de fonte de renda. As atividades com os alunos do Centro Vocacional Tecnológico (CVT) do Instituto Mamirauá aconteceram no dia 7 de maio, na Fazenda Agda, no município de Tefé, no Amazonas.

O encontro ocorreu após uma série de aulas teóricas ministradas por técnicos do Programa de Manejo de Agroecossistemas do Instituto Mamirauá sobre criação de abelhas nativas sem ferrão (meliponicultura), criação animal e agricultura.

De acordo com gestor da ação, Sandro Regatieri, esse tipo de atividade prática desenvolvida é uma das principais bases do programa. “Faz o estudante interagir com o que ele aprendeu na teoria e tornar o conhecimento algo palpável. Pode se identificar melhor com a realidade dele e assimilar de forma efetiva o que foi aprendido em sala de aula. É o aprendizado na prática”, afirma.

Novas possibilidades de renda

A técnica do Programa de Manejo de Agroecossistemas Jerusa Cariaga explica que os alunos puderam entender novas formas de aprimorar ou, ainda, iniciar a criação de animais em suas comunidades. “Eles são mais pescadores e agricultores. Por isso, relataram a necessidade de maior entendimento da metodologia de produção animal. Quando mostramos em campo, eles puderam entender os processos de modo que consigam adaptar às realidades das comunidades de cada um”, conta.

Para a técnica, os conhecimentos repassados possibilitam aos alunos implementar novas formas de produção nas comunidades ribeirinhas, que terão renda e segurança alimentar incrementadas. “Essa diversificação garante segurança alimentar e soberania das comunidades, tão afastadas dos grandes centros comerciais. É necessário garantir outras fontes de alimento para que eles

não fiquem tão dependentes da farinha e da pesca. Além disso, também conversamos com eles sobre novas formas de acesso ao mercado para melhoria de renda”, diz.

Construção de currais, manejo de aves como galinhas e patos, apresentação de novas espécies agrícolas, qualidade do solo e adubação foram alguns dos temas tratados no dia de campo. As técnicas ensinadas, de acordo com Jerusa, mostram que é possível produzir de forma eficiente a baixo custo.

Em uma das atividades, foi ensinado como ‘calcular’ a quantidade de microorganismos e, consequentemente, a fertilidade do solo. O processo é feito utilizando apenas água oxigenada. “Os solos são retirados, e é adicionada um pouco da água oxigenada. Em seguida, observamos a quantidade de espuma produzida. Quanto mais espuma tiver, mais microorganismos estão presentes”, explica.

As experiências dos estudantes nas comunidades também foram questões levantadas. “Eles relataram, por exemplo, que o milho só pegava na região de praia, mas não sabiam os motivos”. Os ministrantes elucidaram dúvidas e deram dicas de produção.

Os alunos ainda realizaram o plantio de cerca de 50 mudas de andiroba (*Carapa guianensis*). Parte delas será transferida para o CVT, onde será observado o desenvolvimento das plantas.



© Amanda Leitis

Atividades práticas são base do programa do CVT

Jovens lideranças criam Rede de Gestores Comunitários

Organização vai funcionar como um coletivo de troca de experiências e conhecimentos para enfrentar desafios encontrados pela população da região

Por Bernardo Oliveira

A região do Médio Solimões, no Amazonas, abriga centenas de comunidades ribeirinhas, presentes, também, nas diversas unidades de conservação da área. As pessoas que lá moram, além de terem de se adaptar à dinâmica dos rios locais com drásticas variações anuais no nível da água, enfrentam uma série de desafios relacionados ao isolamento geográfico, que limita o acesso a serviços básicos, como estradas que as conectem às cidades, cabeamento elétrico público e estruturas para saneamento básico, telefonia e internet. Todos esses problemas têm uma origem em comum: a falta de políticas públicas nessas localidades.

Para trocar experiências e buscar soluções para essas questões, um grupo de jovens lideranças ribeirinhas criou a Rede de Gestores Comunitários. Os integrantes são estu-

dantes e ex-alunos do Centro Vocacional Tecnológico (CVT) do Instituto Mamirauá. O marco inicial da rede se deu em um encontro que mobilizou membros do CVT de quatro turmas diferentes, nos dias 7 e 8 de agosto, em Tefé, no estado do Amazonas.

Sandro Regatieri, gestor do CVT, revela que a ideia de reunir as turmas em um coletivo que pudesse compartilhar conhecimentos e soluções é antiga. “Desde que o CVT surgiu, nós percebemos que havia uma grande diversidade geográfica e de conhecimentos e experiências entre eles e acreditamos que essa troca entre os estudantes era uma das potencialidades do centro”.

“O que o CVT deu para essas pessoas foram ferramentas e conhecimentos nas oficinas, nos encontros, nas aulas e na participação social dos eventos em que eles

estiveram presentes. O CVT abriu horizontes para que elas pudessem olhar além da comunidade delas, do problema delas, dos desafios que somente elas tinham. Agora, eles sabem que são cidadãos e cidadãs, podem e devem lutar por melhorias na qualidade de vida das comunidades e por uma sociedade melhor”, explica Sandro.

“Hoje, eu tenho uma visão muito mais ampla de organização. Vejo que nós temos recursos naturais, temos uma biodiversidade muito grande atrás da nossa casa e, muitas vezes, por falta de conhecimento, não sabemos utilizá-la de forma organizada e controlada”, acrescenta Adriano Ferreira, ex-aluno do CVT que, hoje, atua no Acordo de Pesca Jurupari Grande, no setor Mamirauá da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá.



© Bernardo Oliveira

A rede

Ao final de seu primeiro ano como alunos do CVT, integrantes da turma 2017 – 2018 começaram a pensar em como trocar as experiências e ajudar uns aos outros no desenvolvimento de seus projetos. Depois da formatura, um grupo teve a ideia de criar a Rede de Gestores Comunitários, que funcionaria como um coletivo para o compartilhamento de conhecimentos.

“A gente quis pensar em uma maneira de poder se comunicar nesse segundo ano. Em uma conversa, pensamos em conhecer, fazer viagens a comunidades de outras pessoas, às associações de outras pessoas”, conta Weigson Pedrosa, egresso do CVT. “Decidimos criar uma rede. Pensamos no intercâmbio: por exemplo, se a minha associação está começando e a da comunidade de um colega está superdesenvolvida, a gente vai lá conhecer

a organização, a liderança, e tentar trazer isso para a entidade que está no início.”

O primeiro encontro reuniu estudantes e ex-alunos de quatro turmas diferentes para organizar e delimitar qual seria o papel da rede e como ela funcionaria. Chegou-se à conclusão de que a rede não deveria ser mais uma associação, mas, ao invés disso, reunir jovens das diversas instituições já existentes para que o conhecimento e a experiência dessas pessoas possam ser compartilhados e as organizações fortalecidas. Ficou decidido, ainda, que a rede não receberia apenas discentes e ex-alunos do CVT, mas abriria as portas a outras pessoas interessadas em trocar experiências e saberes. “O que eu vejo é que eles, com essa consciência de espaço, consciência política e cidadã, podem fazer a diferença.

Então, a rede surge para fazer com que os verdadeiros protagonistas possam influenciar a sociedade”, ressalta Sandro.

Um dos maiores desafios que a Rede de Gestores Comunitários terá de enfrentar é a dificuldade na comunicação entre seus integrantes, devido ao escasso acesso à telefonia celular na região. “A realidade deles é o Médio Solimões, com todas as complexidades e os desafios. E eles têm a consciência disso e de todos os desafios que precisam que enfrentar: distância, falta de comunicação, falta de políticas públicas, falta de interatividade. Eles sabem disso porque vivem essa realidade no dia a dia”, complementa Sandro. “A rede tem o potencial de melhorar a vida deles e da região, se eles souberem utilizar as ferramentas que têm da maneira correta.



© Bernardo Oliveira

Rede proporcionará troca de saberes e experiências entre jovens lideranças

Doe para o
Instituto Mamirauá

mamiraua.org.br/doacao

Centro Vocacional
Tecnológico do Instituto
Mamirauá já formou
37 jovens da região do
Médio Solimões, na
Amazônia Central

Curta o Instituto Mamirauá nas redes sociais:

  | InstitutoMamiraua

Endereço para devolução: Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá
Estrada do Bexiga, 2.584 | Bairro Fonte Boa | Cx. Postal 38 69.553-225 | Tefé (AM)

GORDON AND BETTY
MOORE
FOUNDATION


BrazilFoundation

MINISTÉRIO DA
CIÊNCIA, TECNOLOGIA,
INOVAÇÕES E COMUNICAÇÕES

 **PÁTRIA AMADA
BRASIL**
GOVERNO FEDERAL